UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO
Faculdade de Filosofia e Ciências

Joy Altenfelder Silva Hall

UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA: COMPARANDO COM O CASO AMERICANO

Marília
2022

JOY ALTENFELDER SILVA HALL

UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA: COMPARANDO COM O CASO AMERICANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Conselho de Curso de Relações Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, para a obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.
Orientador (a): Prof. Dr. José Geraldo Alberto Bertoncini Poker

Marília
2022

H177a

Hall, Joy Altenfelder Silva
Uma análise histórica da classe média brasileira : comparando com o caso americano / Joy Altenfelder Silva Hall. -- Marília, 2022
47 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Relações Internacionais) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientador: José Geraldo Alberto Bertoncini Poker

1. Classe média brasileira. 2. Classe média americana. 3. Prestígio. 4. Identidade. 5. Poder. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JOY ALTENFELDER SILVA HALL

UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA: COMPARANDO COM O CASO AMERICANO

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília

BANCA EXAMINADORA

Orientador:_____
José Geraldo Alberto Bertoncini Poker, Professor Doutor, Faculdade de Filosofia e Ciência, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita filho"

2º Examinador: _____
João Felipe de Almeida Ferraz

3º Examinador: _____
Gabriela Garcia Angélico, Doutora, Faculdade de Filosofia e Ciência, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita filho

Marília, 25 de Abril de 2022.

Dedico à minha tia e ao meu pai que já se foram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família de leitores e transgressores por sempre olharem de forma crítica para o mundo, por sempre apoiarem meus questionamentos e me protegerem. Há minha tia por ter me levado a manifestação contra a reforma do Código Florestal e 2008, há minha mãe por ser regionalmente conhecia por arrumar confusão com a secretaria de educação, ao meu tio por me ensinar a andar pelas trilhas da Serra do Mar e apreciar solidão e a natureza, há minha irmã por me ensinar disciplina e dedicação, ao Lucca por me acompanhar nessa aventura que é a vida Agradeço ao meu grupo de amigas e colegas de classe por toda a paciência, choro e diversão que me fizeram aproveitar muito mais do que eu jamais esperei todos esses anos de Graduação, se hoje eu entrego esse TCC é porque elas não desistiram e não me deixaram desistir. Agradeço também aos professores, a equipe da graduação e aos colegas da XIX turma de Relações Internacionais por trocas e aprendizados de valor inestimável.

Pensar e fumar são duas operações idênticas que consistem em atirar pequenas nuvens ao vento. Eça de Queirós.

RESUMO

Esse trabalho tem o objetivo de observar a formação histórica da classe média no Brasil fazendo uma comparação com a classe média americana. Trata-se de uma revisão literária. Observa-se como as classes médias são apegadas a sua honra social e a utilizam para se diferenciar do proletariado, assim como a dependência financeira mantém a classe média subserviente aos interesses das Elites. Para isso, primeiro é preciso compreender classe e outros conceitos atrelados a ela. Depois como um indivíduo absorve os conhecimentos de uma sociedade e como ele se identifica nela. Agora finalmente falando de classe média, falaremos sobre a formação da classe média brasileira a partir de uma classe de homens livres e agregados aos senhores de terra que só cresce como uma resposta as necessidades do estado e o aumento da atividade comercial no Brasil. E no caso da classe média americana, onde é observado sua origem proprietária de terra e com forte atividade econômica e política nos EUA e como essa classe média vai perdendo espaço para os monopólios e grandes empresas. Por fim, trata-se da identidade da classe média brasileira e quais os fatores mais populares quanto a se considerar parte dela.

Palavras-chave: Classe Média Brasileira. Classe Média Americana. Prestígio. Identidade. Poder.

ABSTRACT

This work paper wish’s to observe the historical formation of the middle class in Brazil and making a comparison with the American middle class. This is a literary review. It is observed how the middle classes are attached to their social honor and use it to differentiate themselves from the proletariat, as well as financial dependence keeps the middle class subservient to the interests of the elites. For this, it is first necessary understand class and other concepts linked to it. Then, how an individual absorbs the knowledge of a society and how he identifies with it. Finally speaking of middle class, we will talk about the formation of the Brazilian middle class from a class of free men and attached to landowners that only grows as a response to the needs of the state and the increase in commercial activity in Brazil. And in the c American middle class case, where it was full of small proprietaries and with strong economic and political activity in the US and how this middle class is losing ground to monopolies and large companies. Finally, it deals with the identity of the Brazilian middle class and what are the most popular factors regarding being considered part of it.

Keywords: Brazilian Middle Class. American Middle Class. Prestige. Identity. Power.

INTRODUÇÃO 10

CAPÍTULO 1: CLASSES E GRUPOS SOCIAIS 12

CAPÍTULO 2: FORMAÇÃO DA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA 20

CAPÍTULO 3: O DECLÍNIO DA CLASSE MÉDIA AMERICANA..... 27

CAPÍTULO 4: A IDENTIDADE, NO CASO BRASIL. 36

Capitulo 4.1: Quem é a Classe Média no Brasil de Hoje? 41

CONCLUSÃO 46

Bibliografia: 48

Introdução

Cada sociedade possui seu próprio desenvolvimento histórico, suas classes sociais e grupos econômicos aparecem e minguam conforme o avanço dos anos e os desafios enfrentados por aquela população. Na última década a questão das Classes sociais tem reaparecido com força nas ciências humanas, política e na mídia, e há muita especulação em cima do tema, da definição de classe, em quem compõem de fato as classes e qual a real distribuição de renda e honra social entre os grupos dentro das sociedades. Desde a eleição do ex-presidente Donald Trump o tema chega à população como um todo, de forma muito generalista, e quando ocorre a ascensão da extrema-direita no Brasil as comparações entre os comportamentos das classes médias ocorrem naturalmente.

Isso levanta uma série de questões sobre quem é a classe média, como ela se comporta em relação as outras classes, quais são seus interesses, quais seus pilares de sustentação, perguntas essas que não pode nem começar a serem respondidas sem antes olhar para a origem da classe e sua transformação econômica. A intenção desse trabalho é pensar sobre a origem da classe média, sobre seu lugar junto a estrutura econômica do Estado e quais seus pontos de sustentação dentro do Estados Unidos da América e dentro do Brasil. Para tratar da evolução da classe média dentro do território que hoje forma o Brasil revisamos livros de Jessé de Souza e Maria Silvia Franco, contanto com o apoio de artigos de outros pesquisadores nacionais, trazendo uma coletânea de fatos e interpretações sociológicas sobre a realidade da população livre, buscando sempre olhar a dinâmica do relacionamento entre as classes e seus respectivos locais dentro da economia e da ordem legal. Para entender a classe média americana e o impacto que o avanço do capitalismo monopolista teve na vida da população vemos Wrigth Mills e seu conceito de *colarinhos-brancos.* Vemos esses passados e as principais transformações para compreendermos qual é a postura desse grupo social, quais os objetivos de classe, sua relevância econômica, política e suas possibilidades de possuir relevância no seio da sociedade moderna.

No Brasil dos grandes senhores de escravos havia uma camada de homens e mulheres brancos e livres que não se constitui em uma classe econômica, mas forma o embrião dessa ideia no país. Já nos Estados Unidos da América a classe média é a raiz do Estado, formavam a principal massa econômica e mantinham tanto o mercado

interno quanto o externo. Entender o porquê essas classes dessas sociedades vão acabar se comportando de maneiras muito semelhantes e atribuindo importância aos mesmos valores pode ser o começo de uma interpretação alternativa sobre nossa sociedade

Para entender os conceitos atrelados a dinâmicas sociais escolhemos Max Weber para começar a entender a sociedade em que o indivíduo está inserido dependendo do seu poder e da sua classe. Conceitos como castas e estamentos aparecem explicando a ausência de mobilidade social e a importância do prestígio social no tratamento e nas oportunidades que o indivíduo recebe dentro de uma sociedade. Weber nos ajudará a entender a interdependência entre a ordem econômica, ordem social e ordem legal e como geralmente a ausência de um vai significar uma gradual diminuição dos outros. Por fim, a posição religiosa em que uma sociedade de castas se divide: há aqueles que merecem serem vistos e levados em consideração, e aqueles que foram colocados na história para servir e sofrerem, são os conceitos de pureza, objetivo ou impureza e submissão.

Em Berger e Luckmann a gente vê como o indivíduo aprende seu lugar e o do outro dentro da sociedade, observaremos que suas opiniões e gostosos vêm das informações e opções que são dadas a ele graças a família e ao contexto social em que ele está inserido, nós aprendemos a ideia do aprendizado uma vez que o ser humano nasce e cresce em um universo dotado de linguagens e significados abstratos. A internalização desses significados e comportamentos de forma em que seja um conhecimento inerente e inconsciente dos indivíduos envolvidos vai permitir a permear as instituições que formam a estrutura social, moldando-as em suas próprias formas, e os indivíduos que vão atuar nessas instituições, dotados eles mesmos desses significados, vão executar seus trabalhos dentro da Ordem Legal através da própria interpretação.

Por fim, Bourdieu explica como a cultura é um fator de extrema importância para a legitimação da diferença entre os indivíduos de classes diferentes. O consumo de produções culturais avaliadas como de qualidade superior é difícil, antes do advento da internet ela era ainda mais limitada aqueles que possuem acesso a determinados espaços para adquire o conhecimento necessário para apreciá-las. A distinção entre a moda popular e o consumo de marcas originais e produtos de alta exclusividade são um dos mais marcantes e fáceis de se visualizar.

Nós levaremos em consideração todos esses pontos que formam uma sociedade para considerar como a classe média se comporta dentro desse sistema, vamos olhar para o Brasil e para os Estados Unidos para observar se há padrões comportamentais entre duas sociedades, quais características se mantém e quais características se divergem graças ao processo de formação histórico completamente diferente que os dois Estados passaram.

Levando em consideração todos esses pontos de perpetuação de costumes e estamento social, iremos olhar a formação social brasileira, botando em foco a classe intermediária formada por brancos livres, possuidores de pequenas propriedades ou nenhuma propriedade, e eram excluídos da lógica econômica da colônia portuguesa. E no caso americano olharemos o prestígio e posição inicial de destaque e como o avanço do capitalismo monopolista fez com que ambos seu prestígio e sua posição econômica minguassem, fazendo com que essa classe média clássica perdesse sua importância.

Capítulo 1: Classes e grupos sociais

Existe uma grande variedade de autores que falam sobre classe, mas trago um daqueles que é considerado pai da sociologia, o alemão Max Weber, burguês e protestante. Possuía um rico currículo acadêmico e dedicou sua carreira a debater os funcionamentos da sociedade, observando e estudando seus padrões. Trarei nessa sessão os pontos mais importantes sobre poder, classe e estratificação social, três interpretações weberianas que influenciam pensadores nacionais como Maria Sylvia Franco e Jessé Souza - cujas bibliografias contribuirão muito para esse trabalho.

Para Weber a sociedade é dividida em níveis diferentes de hierarquia social, essa hierarquia é, na visão weberiana, mais do que apenas a ordem econômica que influencia nas posições que os indivíduos podem possuir dentro de uma sociedade, possuir capital não significa necessariamente frequentar os círculos mais admirados da sociedade. A posição está relacionada ao poder que ela detém, econômico e honra social. O poder weberiano significa a capacidade de influenciar as situações de forma favorável para si próprio, o homem que possui poder é o homem que consegue impor a própria vontade, e pertencer a um grupo beneficiado de uma ordem social significa influenciar ou ser beneficiado pela ordem legal:

> “Podemos denominar de ‘Ordem Social’ a forma pela qual a honra social se distribui em uma comunidade entre grupos típicos participantes dessa distribuição. A ordem social e ordem econômica estão ambas, é evidente, relacionadas à 'ordem legal’. Entretanto, a ordem social e a econômica não são idênticas. A ordem econômica é para nós apenas a forma pela qual os bens e serviços são distribuídos e utilizados. A ordem social é, obviamente, condicionada em alto grau pela ordem econômica, e por sua vez reage a ela. Assim: 'Classes', ‘grupos de status’ e ‘partidos’ são fenômenos de distribuição de poder dentro duma comunidade.” (WEBER, 1966, p 57.)

Essas três esferas da vida social são distinguíveis, porém são interdependentes. A ordem legal é fortemente guiada pela ordem econômica. A forma como a ordem legal é aplicada a um indivíduo - que pertence a uma classe - depende muito do poder que ele possui na ordem social, por exemplo, em uma sociedade fortemente hierarquizada em raças, o emprego da violência “legítima" do Estado se volta contra as raças estigmatizadas.

Na sociedade alemã, e sociedades fundamentalmente formadas sobre a cultura religiosa protestante, a estima individual está fortemente ligada ao comportamento racional, uma característica muito estimada dentro da religião e trabalhada desde a infância dentro de casa. A religião exige que se adote um controle sobre as emoções, e o aprendizado de uma profissão e desenvolvimento de um trabalho significam níveis diferentes de capacidade individual, mérito pessoal, e o indivíduo é classificado por suas habilidades e experiência pessoal, suas capacidades (aprendidas através do contato com universidades, viagens e o círculo social que frequenta). A classe *“refere-se a qualquer grupo de pessoas que se encontra na mesma situação de classe*” (WEBER. 1966, p59). Compor uma classe nessa perspectiva significa possuir aproximadamente a mesma capacidade financeira de ter acesso a certos produtos compartilhadas pelos que se podem acessar os mesmos serviços e bens. É uma situação de mercado. Weber (1966) diz que a sociedade considera também o conjunto de atividades que o indivíduo exerce importa para a honra social, há uma hierarquia sutil, escondida por trás da economia que garante o banimento de alguns indivíduos de certos espaços apesar de possuírem o capital financeiro necessário para estarem naquela situação. O grupo social que possui mais privilégios é aquele que possui a maior concentração de poder cultural e poder econômico e é capaz de influenciar a ordem legal, auxiliando na escolha dos dirigentes em prol dos seus interesses. Sociedades com maior grau de desigualdade no capital social, na educação e na cultura, costumam ser manipuladas por suas elites, que possuem quase todo controle sobre a ordem legal, e geralmente quanto maior o nível de

escolaridade e salários, maiores influências as classes médias e proletárias possuem nos governos.

Na literatura Weber sugere que o conceito de Estratificação social representa o pequeno grau de mobilidade social que algumas sociedades possuem, essa estratificação se baseia em um processo mantém a rigidez através dos anos e garante que os indivíduos possuam pouca possibilidade de mudar de classe graças a uma variedade de fatores, as vezes de cor, religioso ou raça, dependendo da sociedade. No caso das castas, como Weber (1966) coloca, são estruturas que utilizam instrumentos mágico-religiosos para manter as diferentes gerações de um mesmo grupo social presa à mesma condição, marcando cartas castas como inferiores, diferentes e até mesmo inumanas. O caso mais perceptível é a situação na Índia, os sistemas de castas religiosos são visíveis nas sociedades feudais e mesmo nos Estados modernos. Um fator comum entre os sistemas de casta é a distinção moral dos "puros "e dos "impuros" que vem com uma série de liberdades ou obrigações referentes ao *status* histórico-religioso. Aos impuros resta servir e buscar a honra em vida para em morte terem a possibilidade de viver.

(WEBER, 1966) Em uma sociedade de castas há uma profunda relação entre a religião e o comportamento social, as relações entre as castas não são leves e mutáveis, elas foram construídas ao longo de séculos e transmitidas com rigor, se adequando às mudanças causadas pelo tempo. A crença religiosa é uma das mais fortes razões para estratificação social. O desnível de honra social, o descrédito religioso e a falta de poder econômico mantêm os impuros distantes da ordem legal, controlados em todos os âmbitos pelos puros e escolhidos.

A estratificação social não se refere apenas a sociedades de casta, mas em geral se liga a categorias socioculturais de honra e prestígio passada de forma orgânica entre os membros da sociedade, de geração em geração, nas mesmas linhagens, garantindo que os direitos e deveres perpetuem a hierarquia social: o monopólio dos bens e da honra social continua sempre pertencendo ao mesmo grupo de *status* de forma sedimentada. Analisar grupos sociais só pela lógica das classes sociais (econômicas) é limitante e esconde evidências psicossociais significativas, como prestígio moral e *pertencimento*, limitando assim a compreensão das massas, até de certos intelectuais, do panorama se estende muito além do poder aquisitivo:

> "Não é apenas o sentimento que o indivíduo tem de si próprio que decorre da moralidade social dominante. Desta também depende o valor relativo que atribuímos aos outros, por exemplo como pessoas a serem evitadas na rua ou que merecem apenas um contato superficial em contraposição àquelas com as quais formamos amizades duradouras ou até casamentos" (SOUZA, 2018, p.40).

Apenas essa afirmação é suficiente para reforçar porque uma atribuição exclusivamente econômica é limitada, porém entender por que difusão dessa lógica do pertencimento apenas econômico é reforçado pela academia e usado pela mídia através da ideia do "prestígio científico", majoritariamente liberal, para dar a falsa ideia de que percebemos quem somos e somos devidamente informados sobre os acontecimentos ao nosso redor.

Embora na vida cotidiana a maior parte da sociedade não faça uso de termos sociológicos *"O senso comum contém inumeráveis interpretações pré-científicas e quase-científicas sobre a realidade cotidiana, que admite como certa"* (BERGER, LUCKMANN, 2004, p37), desta forma as ideias liberais de individualismo se permeiam de maneira tão forte no cotidiano social, sempre respaldado pela literatura científica. É uma falácia que gera uma falsa imagem, e por isso, torna o debate e criação de políticas públicas tão difícil e inacessível às camadas populares.

Todos nós somos indivíduos dentro de uma sociedade, cada um com sua parcela de deveres e direitos: definidos, parte pela lei, parte pelo costume. As ideias do certo e errado, do justo e do correto, que formam o pensamento difundido através da sociedade, que mais que ideias, influenciam em cada *experiência* individual, e em cada *decisão* tomada, e regem todas as relações que as pessoas têm entre elas *"As ideias que de fato importam são as ideias morais, que permitem conciliar a interpretação do mundo com a atuação prática e proposital nele*" (SOUZA, 2018, p29).

Vamos destacar alguns pontos do pensamento dos professores Berger e Luckmann do livro *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento* cujo pensamento conversa e complementa a ideia de uma sociedade estamental em classes de prestígio e poder. Nada na sociedade humana se dá no vácuo, e para entender a relação entre os indivíduos que formam a classe média e seu comportamento de classe precisamos entender primeiro como é construída a realidade desses indivíduos e como eles são formados. *"A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente"* (BERGER, LUCKMANN, 2004, p35)

Todos os indivíduos são concebidos em um mundo que começou muito antes dele, ao nascer ele passa a aprender o certo e errado, a moral, a linguagem, o *significado* de tudo na vida de sua família e seu entorno social e geográfico. Ele é *alguém* em algum *lugar,* mas pouco provavelmente leva isso em consideração ao fazer suas conjecturas sobre o mundo. Para compreender melhor:

> Seus fenômenos encontram-se previamente dispostos em padrões que parecem ser independentes da apreensão que deles tenho e que se impõem a minha apreensão. A realidade da vida cotidiana aparece, já obtida, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes da minha entrada na cena. A linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim. (BERGER, LUCKMANN, 2004, p38)

Ou seja, ao integrar em uma realidade já dada, com fenômenos possuidores de significados atribuídos muito antes do nosso ingresso, nós somos ensinados dentro do nosso convívio social qual é a "agenda" referente ao nosso tempo que devemos seguir. A forma como respondemos essa agenda determina a forma como seremos vistos, interpretados pela realidade, pelos outros indivíduos, cada um possuidor de uma bagagem que é tanto própria quanto social. A nossa formação individual se dá nessa realidade, e é nela que temos contato com outros indivíduos, para lidar com eles nós atribuímos significados específicos as coisas de forma a nos orientarmos como agir em frente aquela situação. *"A realidade da vida cotidiana contém esquemas tipificadores em termos dos quais os outros são aprendidos, sendo estabelecidos os modos como "lidamos" com eles nos encontros face a face*" (BERGER, LUCKMANN, 2004, p47). Nesses esquemas tipificadores que nós atribuímos os significados gerais do que vimos e ouvimos no nosso cotidiano. O contato humano começa com tipificações mais gerais, e conforme há uma proximidade essas tipificações são substituídas por outras. O acúmulo e sobreposição desses esquemas tipificadores em uma sociedade formam o conhecimento e interpretação comum sobre o significado dos fatos. Desta forma há um relacionamento íntimo entre a soma de *conhecimentos* que o indivíduo adquire ao longo da vida, o *significado* social generalizado que ele possui e *quem* ele é.

> "é importante acentuar que a relação entre o homem, o produto, e o mundo social, produto dele, é e permanece sendo uma relação dialética, isto é, o homem (evidentemente não o homem isolado, mas em coletividade) e seu mundo social atuam reciprocamente sobre o outro." (BERGER, LUCKMANN, 2004, p87).

É no mundo social que o homem vai utilizar essas tipificações. Mas isso "foge" da simples esfera do cotidiano. Os conhecimentos encontrados em uma sociedade para

serem absorvidos pelos seus indivíduos são resultado do desenvolvimento histórico daquela sociedade. Ocorre a institucionalização de um pensamento quando ele é repetido e difundido a ponto de *todos saberem,* como fato, seu significado. Isso é, ordem institucional, que norteia e é norteada pelos valores e princípios morais daquela sociedade. As instituições são o que vão fazer a manutenção da realidade, ordenando os conhecimentos de forma objetiva e controlando os comportamentos, apontando o que é aceitável, desejável ou punível. As instituições sociais brasileiras irão nascer em um berço permeado de violência contra o *outro,* a escravidão, e em um sistema econômico mantido em um único sentido a pulso firme pela elite agraria, em todas as suas diferentes fases, que elas mais que perpetuam diversos preconceitos. E, uma vez que o cidadão brasileiro nasce nessa realidade, ele é educado nos seus valores, comportamentos e dentro da sua organização, portanto, ele herda todo esse passado, mesmo que não o perceba, exerce uma função dentro daquele ordenamento social.

> "As instituições incorporam-se à experiência do indivíduo por meio dos papéis. Estes, linguisticamente objetificados, são um ingrediente essencial do mundo objetivamente acessível a qualquer sociedade. Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social.ao interiorizar esses papéis o mundo torna-se subjetivamente real para ele." (BERGER, LUCKMANN, 2004, p102).

Ao se desenvolver em uma realidade cheia de significados, o indivíduo se identifica com um conjunto de tipificações atribuídas naturalmente a ele: "filho", "irmão", e performa papéis que por si só já possuem significado, direitos e obrigações, tanto simbolicamente quanto objetivamente através da lei. Além disso, alguns outros papéis que o indivíduo exerce acabam dando a ele acesso a áreas do conhecimento distintas, que implicam em uma certa carga de direitos e deveres *"não somente os padrões do papel X são universalmente conhecidos mas sabe~se que estes padrões são conhecidos" (BERGER, LUCKMANN, 2004, p104),* dentro do que *todo mundo* sabe eles são reconhecido por saberem *algo* específico. Uma ideia que é tão internalizada que passa a ser despercebida do consciente coletivo foi *sedimentada* na tradição cultural e aparece de diversas formas em instituições ou não-instituições dotadas de tipificação.

Se considerarmos que o homem é produto do seu meio, do seu tempo e seu tempo e meio produto dele mesmo, na dialética apontada por Berger e Luckmann, o indivíduo que pertence a classe média, a faz e é feito por ela, em um cenário de extrema brutalidade que era a escravidão e de extrema dependência das elites a postura pedante, buscando ao máximo reforças sua distinção e se aproximar da elite, não chega a ser surpreendente. Segue o modelo liberal e abusa da moralidade, acredita fielmente no

individualismo e na meritocracia, vê a si mesmo como alguém melhor. A Abordagem do professor Jessé de Souza conversa com a dialética da absorção do conhecimento por parte do indivíduo no caso da Classe Média brasileira. Ele afirma energeticamente *"Aqui se chega no ápice da imbecilidade: o indivíduo não sabe nada, nem quem é, tão pouco o que a sociedade faz dele, e ainda imagina que sabe tudo"* (SOUZA, 2018, p55) O individualismo é uma ideia atraente ao indivíduo sensível e egocêntrico, que se coloca no centro do próprio mundo tentando satisfazer desejos que não compreende de onde vem. E mesmo que o indivíduo se compreenda através dessa limitada que tem de si mesmo e da sua sociedade ele não deixa de influenciar ativamente na manutenção, perpetuação, da sua realidade, (BERGER, LUCKMANN, 2004) ele exerce seu *papel.*

Os homens se dispõem em diferentes níveis hierárquicos dentro de uma sociedade, como Weber explicou, isso pode ter significados extremos, como a ausência de direitos, uma pequena diferença em prestígio e honrarias, como é a diferença entre um advogado e um juiz. Concomitando com a lógica de perpetuação dos comportamentos dentro dos grupos sociais e na relação entre eles, Bourdieu traz uma perspectiva sobra a estilização e o gosto pessoal como forma de afirmação da diferença, e como essa naturalização da distinção acontece de forma orgânica, respaldada pelo individualismo.

As posições que os indivíduos ocupam na sociedade definem seus gostos, quais produtos o atraem, quais músicas escuta, quais lugares frequentar e principalmente *porque o faz.* Os gostos são desenvolvidos baseados no que você conhece e no que as pessoas ao seu redor consomem e no que você compreende. O gosto individual é necessariamente dependente da condição socioeconômica: as necessidades e possibilidades, para além, demonstra simbolicamente *a qual estilo de vida* a que ele pertence.

> "O gosto, propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida. O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos(...)." (BOURDIEU, 1983, p83).

As diferentes dimensões do que significa estilo e bom gosto e *viver bem* e do que é apropriado e correto. (BOURDIEU, 1983) A necessidade do luxo só surge conforme há um aumento de renda, as diferentes classes possuem visões e necessidade de bens de consumo que são típicas da sua classe. Com frequência as mais distantes do topo nem sonham com as coisas que são comuns aos que pertencem àquelas classes. O

carro SUV do ano é um sonho impossível para o jardineiro, mas o sonho do médico dono do carro é a Porsche edição limitada que o cliente dele dono de uma startup tem.... E segue se manifestando de várias formas nas mais diversas hierarquias sociais. O indivíduo que se encontra nas camadas intermediárias frequentemente caminha entre os dois mundos só o suficiente para aspirar ser das altas classes e se sentir superior em relação àqueles que ocupam as classes mais baixas que ele.

> "Os gostos obedecem, assim, a uma espécie de lei de Engels generalizada: a cada nível de distribuição, o que é raro e constitui um luxo inacessível ou uma fantasia absurda para os ocupantes do nível anterior ou inferior, torna-se banal ou comum, e se encontra relegado à ordem do necessário, do evidente, pelo aparecimento de novos consumos. mais raros e, portanto, mais distintivos" (BOURDIEU, 1983, p85)

Existe uma imagem predominante sobre aquela classe social, mesmo que todos os indivíduos não sejam exatamente iguais e não possuam exatamente os mesmos interesses eles se expressam de uma forma comum através das vestimentas, as expressões usadas, e conhecimento pessoal. Em uma sociedade onde alguns são vistos como "virtuosos" essa distinção pode significar a diferença entre o "ser" e o "não ser" humano. Em muitas das sociedades ocidentais a cultura, ou verdadeira cultura, sempre foi a arte para as elites, aqueles que possuíam disponibilidade de tempo e dinheiro para despender energia em algo tão pouco produtivo, até inútil em algumas perspectivas. É um hábito que se afasta da condição de necessidade:

> "Deste modo, a disposição estética se define também, objetiva e subjetivamente, com relação às outras disposições: a distância objetiva com relação à necessidade e com relação aos que dela se acham prisioneiros se sobrepõem uma tomada de distância intencional, reduplicação deliberada, pela exibição de liberdade." (Bourdieu, 1983, p87)

Nessa lógica, conforme se afasta da necessidade, as diversas formas de manifestação do bom gosto ou *estilização da vida* passam a ganhar uma importância maior no sentido de distanciamento subjetivo, de não compartilhar afinidades, e objetivo, de não ser capaz financeiramente de seguir os mesmos padrões de transporte, habitação e educação.

A capacidade de reconhecer e aproveitar as artes que são *"(...) designadas, portanto, à admiração daqueles que aprendem a reconhecer os sinais*"(BOURDIEU, 1983, p90) não para o consumo de qualquer indivíduo, uma vez que seus sinais são ocultos e difundidos apenas em certos círculos. Nas sociedades mais igualitárias são aquelas em que o acesso à educação e à cultura é mais simples, mas em geral (BOURDIEU, 1983) as classes médias baixas e classes populares tendem a preferir

culturas mais simples e diretas, que seguem uma ordem cronológica de fácil acesso e desfechos simples, do que, por exemplo, os sofisticados cortes dos festivais de cinemas europeus. A linguagem da arte valorizada pelas elites é incompatível com os gostos e *conhecimentos* das classes baixa. Conhecimento é ligado a educação escolar e familiar:

> "(...)é somente no nível dos detentores de um título de ensino superior que o sentimento de estar no mesmo nível das obras legítimas cessa de ser o privilégio de uma minoria para se tornar um atributo estatutário" (BOURDIEU, 1983, p94).

Mesmo com as evidências apontando para a educação como um fator decisivo nos gostos, adquirido e ensinado pelo meio, há uma forte tendência da negação dessas evidências. O gosto é dito muitas vezes como inerente a pessoa, *dom natural*, de reconhecer o que é bom e legítimo:

> "É assim que a ideologia do gosto natural, que repousa na negação de todas as evidências, tira sua aparência e sua eficácia daquilo que, como todas as estratégias ideológicas que se engendram na luta de classes cotidiana, ela *naturaliza* das diferenças reais, convertendo diferenças de natureza diferenças no modo de aquisição da cultura"(BOURDIEU,1983, p95)

Capítulo 2: Formação da Classe Média Brasileira

Sabemos que a classe média se dá para além do capital econômico, ela se forma através de um processo único em cada local, que é carregado por religiões, mitos, capital intelectual, e da própria relação com as outras classes. Para começar a entender sua forma moderna dentro do Estado brasileiro é preciso compreender sua origem e a sua cultura. O comportamento de grupo não nasce ao acaso, ele é sempre fruto de um conjunto de situações e fatores, que vai, aos poucos, modificando a sociedade e tornando-se parte da cultura:

> "O mercado de trabalho brasileiro pode ser entendido como resultante do processo de desenvolvimento do País, sendo ainda fortemente caracterizado por baixas remunerações, elevadas desigualdades entre grupos de população ocupada, altas taxas de informalidade e marcante heterogeneidade entre os setores produtivos." (IBGE, 2018, p10)

Esse processo único de desenvolvimento das classes sociais nacionais se inicia no Brasil colônia, cuja estrutura deixou marcas até então irremediáveis na sociedade brasileira. O professor Jesse Souza da o nome de *"O Mundo que a Escravidão Criou"* a um dos seus subtópicos do livro *"A Elite do Atraso*", esse título é apropriado para o início desse tópico, pois ele é uma chamada de atenção a relevância da influência da estrutura escravocrata, baseada em um sistema de exclusão por raça, possui em toda a

criação da estrutura do Estado brasileiro moderno, e da disposição das classes, que começam a ganhar contorno ainda nesse período.

Bem no início do período da colonização do Brasil, como vocês bem devem lembrar, ocorre a divisão da terra em 12 capitanias hereditárias, doadas pela Coroa Portuguesa aos novos Senhores da Terra. Estes homens, inclusive aqueles com parcelas menores de terra, recebem alguns direitos e obrigações, e um poder quase incontestável, irão influenciar na formação da sociedade nacional:

> Assim, os donatários obtinham o direito de conceder sesmarias (lotes de terras) e fundar vilas. Também deveriam exercer o comando militar, fiscalizar o comércio e aplicar a lei nas terras sob sua jurisdição. Tinham ainda a função de nomear algumas autoridades administrativas, tais como o Ouvidor e os Tabeliães, além de presidir as eleições dos juízes ordinários – autoridades das câmaras municipais (MACHADO, Julice; MACIEL, Guilherme. p 24. 2014)

Os portugueses se instalam em fazendas, começam a formar pequenas cidades, dando força ao processo de colonização. A vida social era pouca e o contato com outras regiões é, o Brasil ainda era um país intocado pelos avanços da revolução industrial europeia que ocorria na Europa e América do Norte, e possuía várias zonas onde o homem branco não se aventurava nem em grupos. (SOUZA, 2017) A junção do isolamento social com as obrigações militares e o direito de eleger administradores tornava o senhor da terra a unidade máxima de lei e poder. O senhor do local era responsável por definir aqueles que organizavam as relações sociais, comerciais e jurídicas, desde a pessoa responsável a administração aos responsáveis por dar cumprimento às leis. A orientação que vinha de Portugal era fraca e distante. Foi uma *liberdade* muito grande para os Senhores da Terra *imporem apenas* a *própria* vontade sobre a sociedade civil. As relações sociais crescem ao redor de uma figura masculina e individual, o Senhor de Terras é o Estado, em um primeiro momento.

Nas relações sociais criadas ao redor da família, o homem era o principal ditava a forma com que a família deveria se comportar, agir e pensar. Cercado dos filhos que o herdariam e auxiliaria, a esposa bela e obediente e, no caso de haver filhas, elas deveriam seguir os passos da mãe e conseguir casar-se bem. Os empregados brancos, seus agregados, e tudo que possuíam dependia da boa vontade de seu senhor e do agrado dele com o serviço. Os escravos, não eram vistos nem como humanos, que não havia limite no poder exercidos sobre eles, e por séculos, ocuparam a base da pirâmide na estrutura social. Essa visão da ausência de alma e da inferioridade dos negros vai se perpetuar e ser motor de várias políticas nos séculos seguintes.

Nessa disposição social de isolamento familiar nem mesmo a Igreja Católica era capaz de replicar a influência direta que exercia na Europa A ética, a moral, e a interpretação religiosa tornaram-se uma questão pessoal, regional, baseada apenas na interpretação pessoal do chefe de família e senhor de escravos. Não havia uma população para disputar perspectivas. Foi essa dinâmica que imperou por muito tempo no país, mesmo após a vinda da família real, até após a abolição da escravidão, nos interiores e fazendas.

(SOUZA, 2017) Durante a colonização existia uma classe intermediária entre os senhores e os escravos, composta pelos brancos sem poder de influenciar outros homens e sem posses, ao menos eram dotados de humanidade, cavalheiros, mesmo que não nobres, eram simbolicamente infinitamente superiores na hierarquia social à classe dos escravos, livres para ir e vir, mas financeiramente e culturalmente pobres.

A escravidão em massa de povos africanos, a dominação racista de brancos sobre negros, baseada na ciência darwinista distorcida para uso social, só foi possível através do emprego de muita violência, de forma explicita, desde a captura dos escravos na África até o fim de seus dias na senzala, sendo obrigados a trabalhar e viver de formas insalubres.

Essa relação de violência se estendia à relação sexual que (SOUZA, 2017) resulta na miscigenação, uma relação que se apresentava simultaneamente de forma íntima e distante, onde apenas um dos lados da equação tinha escolha quanto ao mantimento de quaisquer relações ou decisões empreendidas. Novamente, o reconhecimento dos filhos ilegítimos, a elevação de status, assim como o abandono e negação do reconhecimento da paternidade eram exclusivamente escolha do senhor. A arbitrariedade dessa questão colocou o Brasil em uma tendência contrária ao puritanismo norte-americano de preservação intocável da pureza branca.

(SOUZA, 2017) As relações do homem branco com o sexo, se dava por meio de uma dominação sádica das mulheres negras e indígenas, usadas para o prazer e para os serviços domésticos, e eram de uma brutalidade escancarada. Já a violência empregada nas relações do homem branco com as mulheres brancas, dizia respeito à imagem que criavam e exigiam delas, ao uso e desprezo pelas mesmas, servindo apenas para a continuidade da linhagem, e como adereço, podendo ter uma estima familiar que apagava traços de personalidades. Nesse contexto a mulher negra era sexualizada, usada sem seu consentimento, e a mulher branca era ignorada, destituída de um *eu*, era parte do panorama. Obviamente as mulheres brancas possuíam um capital social

incontestavelmente maior que as negras, e a hierarquia entre elas dependiam da família ao qual eram associadas, do marido dono de engenho, ou do pai prefeito da cidade, mas elas não passavam de apetrechos, sem nenhum poder real que fosse oriundo delas mesmas.

Tamanha independência e autoridade que possuía o senhor de terras naquele momento não é simples por si só, e pode ser profundamente estudada, mas as consequências a longo prazo que importa aqui são aquelas que reverberam em consequências na sociedade no Brasil no século XXI e em especial na classe média:

> As consequências políticas e sociais dessas tramas privadas, quando se transmite da esfera da família e da atividade sexual para a esfera pública das relações políticas e sociais, tornam-se evidentes na dialética de mandonismo e autoritarismo de um lado, mais precisamente no lado das elites, e no abandono e no desprezo das massas por outro lado. (SOUZA, 2017, p54)

É possível observar de forma crítica o conjunto de fatores, o isolamento, o poder do senhor de terra, o comportamento patriarcal, e a dominação escravocrata possibilitam a existência de uma elite acostumada com o poder total nas suas decisões e que fossem acatados, obedecidos e adulados de imediato. Essa presunção não vai sumir, embora seu funcionamento se transforme, e leve a esfera política um hábito comportamental perigoso, de esquecimento as necessidades e reivindicações das classes subalternas, fazendo manutenção do relacionamento com elas apenas o suficiente para que elas ainda se comportem de maneira subserviente.

Durante a colonização do Brasil é possível ver registros de uma pequena população dotada de função social entre os senhores de escravos e os escravizados, homens livres e supostamente iguais, além dos pobres, alguns eram responsáveis pela burocracia estatal, que formam uma classe especializada na prestação de serviços para a elite. Sem presença estatal regulamentando as relações civis, sem uma estrutura jurídica firme, em uma sociedade cuja desigualdade econômica era gritante, é fácil perceber a necessidade de adulação e submissão a elite.

Os homens pobres, brancos e livres viviam em constante disputa. No século XIX, mesmo com a vinda da Família Real, vivia fora da ordem econômica vigente, às margens da economia e indiferentes ao estado. Nos sertões (FRANCO, 1997) não havia emprego, pouquíssima tecnologia disponível, pouco conhecimento agrícola, esses fatos somados a abundância da caça e da coleta de alimentos proporcionou uma realidade na qual as pessoas viviam de forma seminômade, era comum membros de uma família, ou famílias inteiras, debandarem em busca de oportunidades em cidades maiores ou mesmo

outras vilas e fazendas. A distância das cidades e as distâncias entre os próprios bairros propiciavam um isolamento social, onde os indivíduos tinham apenas a companhia um dos outros como distração. As unidades territoriais que formavam os assentamentos humanos, bairros e vilas, eram ambientes duráveis. Maria Sylvia oferece uma clara perspectiva sobre a sociedade caipira:

> "Pelo contrário, o bairro, como unidade territorial, apresenta uma não pequena duração, enquanto se verifica intensa circulação de seus membros, no plano do indivíduo ou da família. Isso pode ser facilmente compreendido se nos atentarmos para a uniformidade de etnia, de organização social e de cultura das populações caipiras: entre um grupo e outro não havia particularidades de estilo de vida suficiente para dotar os membros de cada um deles com uma incisiva consciência grupal, delimitando fronteiras do *in-group* e do *out-group*" *(*FRANCO, 1997, p32)

Essa unidade cultural e falta de recursos fazia com que a maior parte da população caipiras livres tenham os mesmos objetivos, conhecimentos e posturas. (FRANCO, 1997) Se tratava de um ambiente competitivo, onde os homens disputavam qualquer possibilidade de obter um pouco de lucro pessoal, pelos cargos nas fazendas e nas prefeituras. E os limites do poder não eram muito bem delimitados, o homem tem pouco mais do que si mesmo como garantia de qualquer coisa, e uma vez que são questionadas sua moral, sua capacidade, essa sociedade não conhecem alternativas que não a violência como justiça pessoal.

> "Instalando- se, assim, processos competitivos sem alternativas plásticas para se resolverem, dado o caráter simples e pouco flexível dos mecanismos de ajuntamento inter-humano (isto é, a relativa indiferenciação da estrutura social e fraca discriminação das linhas de poder, e comunhão de um sistema simples de valores claramente definidos" (FRANCO, 1997, p28).

No mesmo período nas cidades e as classes começam a ganhar um contorno quando a família portuguesa se muda para o Brasil no início do século XIX, transformando o status de colônia para Reino Unido, causando um necessário um crescimento estatal e aumento da burocracia, que refletisse as novas necessidades do país e da sua elite. Com isso os serviços especializados passam a ser mais requisitados e se vê o início do que virá a ser a classe média se aglutinando nas funções de prestação de serviços nas cidades. Por outro lado, nos sítios a lógica de dominação pessoal continuava forte (FRANCO, 1997) uma vez que as opções do homem livre e sitiante durante a economia escravocrata eram limitadas: as profissões com maior prestígio e retorno financeiro eram aquelas ligadas ao Senhor da terra, profissões que exigiam confiança e conhecimento, e não podiam ser atribuídas a qualquer homem livre, como o transporte de mercadorias até postos de troca, mercados, e para o litoral para ser

exportado. Havia também a cultura do compadrio, uma ligação pessoal, de responsabilidade familiar que ligava os fazendeiros aos homens livres que lhes eram próximos, isso inclui, em maior interesse, garantir o futuro social e financeiro da criança ou jovem apadrinhado:

> "O compadrio é estratégico para se penetrar essa 'ideologia'. Nas suas origens, o batismo estabelece ritualmente o parentesco divino e isto entre seres que se reconhecem também, originalmente, como da mesma ordem natural, como *pessoas"* (FRANCO, 1997, p86)

A maneira como o outro chegava a ser reconhecido como uma *pessoa* mostra a desumanização entre as castas/classes presentes na sociedade brasileira. O indivíduo intermediário dependia muito da aprovação e das oportunidades oferecidas pelos poucos membros da Elite, e sua pouca vantagem era seu conhecimento pessoal e sua afinidade com esses, ele precisava ser visto como um igual, ou algo próximo disso.

Já nas poucas cidades e principalmente na capital, Rio de Janeiro, havia uma nova classe prestadora de serviços formada por europeus recém-migrados para o país, fugindo da guerra e da pobreza na Europa, fomentaram uma pequena classe intermediária, livre e não completamente pobre, capaz de investir e fazer negócios Graças ao novo fluxo comercial e adensamento do volume populacional as profissões liberais começam a crescer, hospitais, escolas, centros comerciais e artísticos:

> O influxo comercial dá origem a complexo de compra e venda por atacado e varejo em praticamente todos os ramos do comércio. Esse primeiro movimento de atividade econômica urbana anima a colônia, que se torna vice-reinado ponto surge em escolas e hospitais, e incipiente atividade financeira estimula um maior fluxo monetário. Surgem os primeiros profissionais liberais, bem como novos ofícios e funções profissionais. Na mesma época também apontam aqui, em missões de estado, os primeiros artistas, intelectuais, aventureiros e viajantes. (SOUZA,2018, p85)

(SOUZA, 2018) Esse adensamento do fluxo comercial e dos mecanismos reguladores do Estado estimularam a impessoalidade da justiça brasileira, afastando a cidade do Rio de Janeiro e os poucos outros grandes centros daquela lógica paternalista dos senhores de terra e modificou a dinâmica social vigente trazendo uma nova estrutura legal, menos pessoal. A vinda de uma classe artística e intelectual, assim como o expressivo aumento das profissões graças ao novo fluxo comercial e adensamento do volume populacional, levou o Brasil a começar a valorizar o conhecimento técnico,

Nos últimos anos do império brasileiro já era possível perceber uma distinção de classes sociais propriamente ditas, formava-se na disposição das poucas cidades uma divisão clara de poder aquisitivo e relevância social. Era, como é de se presumir, na

capital, Rio de Janeiro, que essa divisão social se mostrava com mais clareza. Através das possibilidades de moradia o pesquisador Rodrigo Soares, da Universidade de São Paulo, demonstra essas disparidades de salários e oportunidades encontradas pelas pessoas livres em seu artigo *Estratificação profissional, desigualdade econômica e classes sociais na crise do império. Notas preliminares sobre as classes imperiai*s. (SOARES, 2018) A classe operária brasileira consistia em cerca de 16% da população em meados da década de 1870 sua condição não proporcionava recursos suficientes para se alojar confortavelmente com a família próximo da Corte, uma vez que apenas os aluguéis no centro absorveriam mais da metade da renda familiar, por conseguinte as famílias migravam para bairros mais afastados, onde a necessidade de maior locomoção era um problema pequeno se comparado a possibilidade de viver com conforto em outro local e sobrar para outros gastos.

(SOARES, 2019) Porém, a classe sub operária, aquela responsável pelos trabalhos como serviçais, que sobreviviam de trabalhos diários, ou com contratos de pouca duração, possuíam menos dinheiro que os operários e uma maior necessidade de morar próximo à Corte já que não podiam arcar os custos de locomoção e nem poderiam atender as necessidades da Corte com a mesma forma se não residissem próximos. Nesse período que se expandem os emblemáticos cortiços, tão bem retratados na literatura brasileira pelo romance do brasileiro Aluísio Azevedo *O Cortiço.* Os cortiços eram blocos de moradias baratas, formados por pequenos cômodos que abrigavam famílias inteiras, em locais sem saneamento e privacidade.

> A uniformidade salarial da década de 1870, no entanto, não significava que a população vivesse com expressivo conforto material. Pelo contrário, em torno de 90% dos brasileiros de então, se não mais, viviam em condições precárias, encontrando dificuldades para arcar com aluguéis de imóveis, com alimentação variada e com renovações do vestuário. Ou seja, a relativa igualdade de renda, que certamente existia, explicava-se mais pela larga expressividade das classes populares do que por uma hipotética robustez das classes médias. (SOARES, 2018. p6).

Fica ainda mais clara a disparidade de direitos relativos à classe sociais (SOARES, 2019) quando ocorre uma alteração na Lei Saraiva, onde estavam descritas as regras do sistema eleitoral, que estipulavam uma renda mínima anual de 200 mil réis, na mudança de lei citada por Soares fazia com que a comprovação dessa renda fosse feita de uma forma mais rígida do que anteriormente, excluindo uma parcela da população, e o fato de passar a excluir os analfabetos, que representavam mais de 80% da população masculina nacional.

O número de homens livres que compareceu para votar em 1886 foi inferior a 1% da parcela dessa população, e os jornais na época se manifestaram em relação ao assunto. Foi uma das grandes questões em que os cidadãos brasileiros brancos livres notaram e manifestaram um incômodo com a disparidade de oportunidade entre eles, os pobres e ricos, e tendo um comportamento, em classe como nós conhecemos. Esse relato é apenas a indicação de um respingo de consciência coletiva por parte de alguns poucos membros em uma ordem social complexa e cheia de diferentes camadas, mais do que homens brancos e homens negros, uma sociedade multifacetada.

A classe média tradicional só vai de fato se formar entre os anos de 1890 e 1930 com o crescimento da importância do Café no mercado internacional. Os acontecimentos e políticas públicas atrelados ao seu desenvolvimento são extremamente característicos do passado escravagista *"O racismo cientifico, embranquecimento da população por meio da importação de europeus empobrecidos pelo avanço do capitalismo nas áreas rurais do Sul da Europa, sobretudo da Itália*"(SOUZA, 2017) serve para barrar qualquer possibilidade de ascensão econômica da negritude recém liberta em solo brasileiro permear o mercado e elevar, consequentemente, seu status como classe.

Essa importação garantiu que, no momento da expansão do capitalismo, o mercado brasileiro teria profissionais qualificados e que possuíssem o mesmo nível de honra social para assumir todos os cargos necessários. E novamente as classes operarias e não qualificadas, principalmente os negros, foram deixados de fora da ordem econômica e da transformação do mercado.

Capítulo 3: O Declínio da Classe Média Americana

A divisão e formação das classes nos Estados Unidos da América acontece de forma muito diferente da sua dinâmica no Brasil. Aqui, a classe média nasce estrangulada pelos grandes senhores de terra, toda sua identidade é criada ao redor das pequenas oportunidades disputadas por muitos indivíduos e submissa aos interesses dos proprietários de terra. Lá ela nasce como uma classe forte, com um papel fundamental no desenvolvimento do país, porém com os anos vai perdendo força e sendo engolida pelas demandas do capitalismo moderno.

A classe média dos EUA surge dentro do mercado, ela surge *porque* o mercado existia. Em um primeiro momento, sem grandes cidades e centros, os numerosos

agricultores e pequenos proprietários de terra já eram parte do sistema capitalista: o sistema de impostos, sistema bancário, hipoteca criava necessidade de dinheiro em espécie, quase todos os proprietários trabalhavam além da subsistência, buscavam, essencialmente desde o início, o lucro. Ao contrário do caso Brasil, não há grandes proprietários de terras com poder econômico e social absoluto, reinando sobre os outros como juiz e executor. Também não há os abarrotados grandes centros urbanos como os Europeus e não viviam a sombra dos resquícios da sociedade feudal:

> "A terra era ocupada por homens cujo individualismo absoluto implicava a ausência de vínculos tradicionais; não estavam tolhidos pelo sistema de heranças da Europa feudal, eles estavam prontos e ansiosos para dar o impulso em direção ao capitalismo. Não se amontoavam em aldeias, mas dispersaram-se num amplo território." (MILLS, 1976, p.26).

Havia um clima, uma ideologia, em torno do trabalho: o objetivo de todos era possuir a própria pequena propriedade, onde ele individualmente seria responsável por seu lucro. Esse sonho não era vão *"aproximadamente quatro quintos das pessoas livres que trabalhavam eram proprietários*" (MILLS, 1976, p29). Os Estados Unidos da América eram uma sociedade de homens livres, proprietários e iguais. Outro fator que diferenciava os EUA de boa parte do restante do mundo era a mobilidade social: no século 19 metade dos membros da Elite havia nascido dentro da classe inferior *"Sempre era possível recomeçar na América"* (John Krout e Dixon Fox APUD Wright Mills, 1976).

A grande ideologia em torno do sucesso econômico não era só uma teoria ou um discurso político, era uma possibilidade real àquele que era esperto o suficiente para se organizar financeiramente, adquirir uma propriedade, instrumentos e depois trabalhar mais, para si mesmo. (MILLS, 1976) Mesmo os funcionários não eram como os proletários europeus presos dentro de fábricas, com vários *status* internos e níveis hierárquicos: eles trabalhavam direto para o patrão, aprendiam uma profissão e possuíam um nível de prestígio social razoável. Não era incomum partir dessa situação de funcionário para o detentor de uma pequena propriedade.

(MILLS, 1976) Ser um pequeno proprietário agrícola norte-americano era uma segurança como poucas outras classe média tiveram a sorte de obter, suportava a depressão sendo autossuficiente para se alimentar, desde que fosse esperto o suficiente para manter uma reserva de dinheiro. Em tempos de alta, a pequena propriedade tinha a oportunidade de lucrar muito. O pequeno proprietário possuía autonomia em suas ações,

suas escolhas, ele era visto como o único responsável por ser capaz tomar boas decisões econômicas e se manter independente.

Os americanos viviam sob a bandeira do homem de sucesso. (MILLS, 1976) O Capitão da Indústria, era uma imagem clássica, forte de um dos maiores heróis urbanos presente na sociedade americana. Uma figura que surge após a Guerra Civil como um homem que tomava conta dos negócios com cuidado e afinco, além de proporcionar aos outros a possibilidade de se emanciparem. A grande chave do sucesso desse personagem foi a concentração de atividades na mesma figura, o homem era investidor, idealizador e mantenedor:

> "Era o altivo proprietário de empresa que criava e dirigia. Tudo que se referia ao bom funcionamento da empresa recebia sua atenção vigilante ou cuidados afetuosos. Como empregador, dava oportunidade aos melhores dentre os seus empregados de aprender, trabalhando sobre sua orientação; eles próprios podiam economizar parte dos órgãos, multiplicá-la por meio de uma pequena especulação particular, tomar empréstimo em outro a importância e estabelecer-se por conta própria. Como ele mesmo fizera, seus empregados tornaram-se capitães da indústria"(MILLS, 1976, 28).

Essa figura possuía muito respeito e capital, era mais do que uma imagem dos sonhos, alguns homens de fato viviam dentro desse estilo de vida, preparavam em sua empresa e empoderavam seus conhecidos para ao mesmo futuro. A substituição dessa figura nunca ocorreu realmente, nenhum outro ídolo americano foi um apelo tão grande e incitou tanto uma classe.

Em um primeiro momento (MILLS, 1976), o pequeno proprietário americano teve sorte, nenhuma das crises enfrentadas foi tão profunda e afetou tanto a classe média quanto as crises do século XX. Sem nenhuma autoridade central para regular as relações, os Estados Unidos eram a imagem do liberalismo clássico, construindo um mundo quase romântico aos olhos da ciência econômica, onde havia ordem sem autoridade. (MILLS, 1976) A vantagem dos EUA em relação ao liberalismo era óbvia, não havia um estado burocrático consolidado, com diversas etapas burocratizadas para qualquer coisa ou a sedimentada tradição feudal, onde os enraizados sistemas de hierarquias colocam homens em posições completamente diferentes. Eles puderam levar o individualismo protestante e o mérito a um patamar completamente diferente, onde ele era eficiente, e a imagem que o homem almejava era palpável. Poucos outros estados tinham essa possibilidade estrutural e nenhum outro aproveitou como o EUA.

Nas instituições de manutenção da ordem a descentralização era generalizada, o governo apoiava as pequenas propriedades de forma distante sem grandes interferências e a ordem militar era dispersa. Cada cidade possuía seu próprio poderio militar, cada

homem portava uma arma e com a baixa densidade populacional, a justiça feita através das milícias, ou de forma pessoal. A concorrência aparecia o processo de seleção:

> "No estado, nessa era do liberalismo clássico, a concorrência não foi apenas um mecanismo impessoal de regulamentação da economia capitalista ou somente uma garantia de liberdade política. A concorrência era o meio de produzir indivíduos livres, o campo de provas para heróis, em que cada um vivia a legenda do homem independente." (MILLS, 1976, p33).

O sonho do liberalismo clássico não dura para sempre, na segunda metade do século 19 a dinâmica do mercado começa a mudar (MILLS, 1976) e a dominância das pequenas propriedades liberais vai diminuindo conforme o avanço ao século XIX e a transformação nos modos de produção. Os empresários livres deixam de ser o modelo ideal, perdem força política e passam a ser só mais uma camada dentro da sociedade. Entre os ricos, grandes proprietários e o proletariado, sendo sufocados em capital por um e em números pelo outro.

Suas demandas passaram a estar longe das prioridades do Estado, e de forma geral, sofrem uma perda de independência: A incorporação gradual das pequenas propriedades pelas grandes ocorre de forma legal, mas produz uma transformação que promove a centralização e acaba com a democratização baseada na independência. O indivíduo sem propriedade, que trabalha para o outro é refém das vontades e do tempo da empresa. A transformação econômica impactou muito as relações humanas, a liberdade anterior é substituída pela submissão, tanto econômica como social e política.

No século XIX a importação de matérias primas e exportação de produtos agrícolas possibilitou o desenvolvimento da indústria americana. Após a metade do século, taxas alfandegárias e outras políticas protegem o produto industrial americano em detrimento ao estrangeiro. (MILLS, 1976) Já no século XX a grande baixa dos produtos agrícolas na década de 20-30 terminou de afastar a classe dos pequenos proprietários da sua relevância econômica, em apenas um século a classe encolheu de ¾ da população para apenas ⅛. Isso aconteceu tanto pela perda de espaço no mercado internacional como porque outros países passam a oferecer custos mais baixos e rendimentos mais altos para cultivarem produtos concorrentes.

(MILLS, 1976) O aumento dos monopólios e da forma única de produção e manutenção de preços que as grandes empresas possuem, e a própria diminuição do mercado interno americano, somado a diminuição do crescimento populacional decorrente da diminuição da imigração e das taxas de natalidade. Todas essas questões diminuíram os mercados alvos dos pequenos proprietários. Nas cidades, os pequenos

proprietários urbanos nunca possuíram a mesma estabilidade e influência política que os fazendeiros, seu número sempre foi pequeno para que formasse uma classe coesa.

> "Mesmo antes da Guerra Civil, quando a nova rede de transportes começou a unir as regiões num mercado nacional, os artesãos locais passaram a trabalhar para grandes comerciantes. A necessidade de matérias-primas, de capital e de distribuição no mercado nacional colocou o produtor independente sob domínio dos homens ricos" (MILLS, 1976, p42).

Ao ser devorado pela classe alta, a imagem do capitão da indústria vai sumindo, embora nunca seja substituída por um herói a altura. Antes um homem presente, o empresário de sucesso torna-se uma figura apática, arrogante e predatória, distante da comunidade e da própria empresa. (MILLS, 1976) E não é só a figura que mudou, mas de fato o perfil das empresas, as pequenas aparecem e desaparecem com uma grande frequência, trocando de proprietários e decretando falência logo no início. Além disso, há uma limitação de capital dos pequenos empresários urbanos que acaba impedindo que eles sejam parte de alguns mercados, sendo mais bem sucedido na área de prestação de serviços e varejo. Mesmo sem serem absorvidas, pequenas empresas vivem ligadas às grandes empresas, como prestadoras de serviços específicos ou como complemento de atividades. Além disso, o pequeno empresário urbano nunca atinge o nível de estabilidade que era possível dentro da classe média rural, ele é extremamente suscetível às variações de mercado.

(MILLS, 1976) Na *lumpen-* burguesia que a questão econômica mais que afeta a família, é moldada por ela em todos os aspectos: o trabalho infantil e o trabalho mal remunerado dos membros são obrigados a ajudar o trabalho. Essa burguesia corresponde aquela parcela da população que é pequena proprietária e praticamente subsiste com seus rendimentos. *"como eles não tem escape emocional fora do limite da loja ou da fazenda, os membros dessas famílias podem deixar-se dominar pela ganância do lucro*" (MILLS, 1976, p51) os pais impõem aos filhos uma carga de grandes responsabilidades, se privam de pequenos luxos pensando no futuro das crianças e em sua obrigação de tornarem-se bons profissionais de algo. Não se fala necessariamente de herança, uma vez que as empresas da *lumpen- burguesia* possuem tempo de vida curto, muitas vezes não suportando um ciclo de depressão do mercado. A privação afeta o comportamento familiar de maneira forte, o comportamento avarento é facilmente identificável nessa classe, buscam o prestígio da alta classe com muito esforço *"seu universo social, inclusive membros da própria família, compõem*

*elementos manipuláveis em sua luta, uma luta na qual muitas vezes é tão mal-sucedido quanto ambicioso." (*MILLS, 1976, p53).

Apesar da óbvia transformação da classe média proprietária em trabalhadora assalariada, o discurso ideológico liberal de livre concorrência não se perdeu, ele é usado e pouco criticado, tido por muitos ainda como um retrato da realidade. O discurso não serve de fato a lógica comercial que os pequenos empresários estão inseridos, mas seja por medo ou por falta de conhecimento, a classe média proprietária continua seduzida pelas falas. Seduzida e reprodutora do discurso, mas não o vive, ou se esforça ao máximo para não ter que fazê-lo, e nega de forma hipócrita até o último segundo.

(MILLS, 1976) Inicialmente a participação da classe média na política era grande, havia um "espírito cívico" nessa relação, e era uma forma do indivíduo conquistar prestígio para si mesmo entre os outros pequenos comerciantes. A classe média agricultora é aquela que prosperava nas pequenas cidades, formadas por famílias que, às vezes, vivem há gerações naquele lugar, se beneficia muito com a participação na política, acarretava um grande prestígio social ser considerado o mais apto a defender os interesses da cidade. Além do prestígio, havia a grande possibilidade de retorno para seus negócios. De forma menos impactante, as pessoas de classes mais baixas também participavam dessa disputa, embora não em posições de destaque. Como boa parte da cultura da classe média clássica americana, com o avanço do capitalismo monopolista a dinâmica política das cidades pequenas passa a ser influenciada pelas grandes empresas.

O modo de vida das antigas classes médias americanas sobreviveu, entre trancos e barrancos, mas desde o final do século XIX passou por diversos ataques aos seus costumes e objetivos, ela encolheu, perdeu prestígio, força econômica e política. (MILLS, 1976) Os operários atribuem muito mais prestígio ao pequeno proprietário do que ele recebe das classes superiores, eles acreditam que se trata de um "homem de posses" mesmo que muitas vezes ele possua uma renda menor que a de um funcionário de alto escalão de uma grande empresa. Já os membros das classes superiores veem a relação próxima da classe operária, as limitadas relações sociais limitadas e o *modo de viver* como deméritos ao indivíduo. O pequeno proprietário da Classe Média é, de várias formas, um trabalhador, ele precisa gerenciar, mesmo que com a ajuda de funcionários, as atividades cotidianas do seu negócio, e mesmo que disponha de capital, não dispõem de tempo ou proteção, para parar e desfrutar de pequenos prazeres.

Mesmo com esse perceptível distanciamento a mudança nas relações comerciais mantêm os pequenos proprietários reféns dos interesses das grandes empresas para obter

vantagens pessoais. A dinâmica do capital e o credo na ideologia liberal mentem os comerciantes próximos do discurso político das grandes empresas "negócios são negócios" e criam uma identificação com as classes superiores, suas decisões políticas são orientadas por essa relação:

> “As vantagens que deriva de suas boas relações com “os grandes”, e a busca de prestígio orientada no sentido dos ricos, tendem a reforçar essa identificação, que, por sua vez, é promovida e forçada pelas próprias organizações constituídas pelos pequenos comerciantes"(MILLS, 1976, p70).

O pequeno negociante, geralmente varejista, não consegue se organizar como uma camada política impactante, (MILLS, 1976) ela na realidade acaba servindo para defender os interesses das grandes empresas, que alguns concomitam com os deles: o grande problema com os sindicatos, que buscam os direitos civis dos operários, e as pequenas empresas têm muito mais dificuldade de lidar com despesas adicionais, isso acaba prejudicando a receita do pequeno proprietário. As grandes empresas conseguem se aproveitar desse rancor pessoal do pequeno proprietário, garantindo que eles estejam sempre ao seu lado nas disputas com os sindicatos.

Apesar dos esforços políticos da classe média clássica e da grande popularidade do discurso liberal clássico, a perda de espaço econômico foi também a perda de espaço político e com isso o prestígio. O Agricultor sobrevive mais forte como classe do que o pequeno empresário, mas nenhum dos dois possui mais relevância ou consegue sobreviver de maneira totalmente independente da classe dominante. (MILLS, 1976) No entanto um ponto de atenção é que mesmo sendo favoráveis aos liberais a nível nacional, no local e estadual agem ao máximo com hipocrisia, tentando minar a aparição da concorrência das grandes empresas em suas cidades, assim como falam contra a própria concorrência criada por outros pequenos proprietários. A questão talvez seja que essa classe média não consegue visualizar com exatidão sua situação dentro da sociedade e não consegue se identificar com outro discurso, a não ser o que foi criado para a vida que seus antepassados levavam. Do ponto de vista econômico, talvez ela esteja se desfavorecendo.

(MILLS, 1976) Com o país em constante expansão desde a sua criação, a estagnação das taxas demográficas, fechamentos de mercados e crescimento da concorrência no mercado internacional, a classe média dos Estados Unidos migrou em suas funções, deixou de ser proprietária para existir dentro de uma estrutura de ocupações. Essa nova classe média, cujos membros exercem as mais diversas profissões e recebem salários tão díspares quanto possível, e mais difícil de se categorizar e se

identificar do que a antiga. As velhas profissões liberais se modificam e passam a compor firmas, as profissões ligadas ao secretariado e gerência cresceram. As grandes empresas são compostas por hierarquia de poder e salários, gerando um próprio clima de competição interna.

A distribuição dessa nova classe média é díspar, os indivíduos não fizeram parte de um processo coeso de maturação social, eles foram aos poucos se rearranjando diante das novas dinâmicas e oportunidades, mas se concentram principalmente em alguns grupos "*atualmente os três maiores grupos ocupacionais da camada dos colarinhos-brancos são professores, os vendedores, trabalhando dentro e fora das lojas, e vários tipos de empregados de escritório*" (MILLS, 1976, p84). As pessoas passam a ocupar funções que lidam com outras gestões de pessoas e as diversas camadas do atendimento ao cliente, nas novas áreas da indústria que vão surgindo *"Os colarinhos-brancos ajudam a transformar o produto do trabalho de alguém em lucro para os outros*."(MILLS, 1976, p86) Isso também é um reflexo do avanço tecnológico nas áreas de produção, cada vez necessitando menos funcionário, e no surgimento de novas demandas com a internacionalização das cadeias de produção, distribuição, e a própria propaganda.

O mercado de trabalho migrou da mão de obra especializada para uma massa de colarinhos-brancos distribuídos em diversas indústrias com focos completamente distintos, cujo as funções são majoritariamente manter a ordem e a cadência das atividades que garantisse a eficiência de uma indústria internacional, com cadeias de distribuição intercontinentais. A manutenção dessas indústrias e polos comerciais tão grande passa a exigir mais da burocracia e consequentemente exigir mais empregados especializados em micro processos:

> "O aspecto geográfico da distribuição envolve grandes e rápidas redes de transporte; a coordenação do mercado implica um sistema de comunicações; a busca de mercados e a venda supõem atividade comercial, incluindo não só centros atacadistas e varejistas como também organizações de crédito para financiar utilidades e capitais. Cada uma dessas atividades emprega maior número de pessoas, menos para tarefas manuais do que para funções de *colarinho-branco"* (Mills, 1976, p88).

(MILLS, 1976) A mesma expansão aconteceu na administração pública, todos os setores cresceram em número e novas especializações, a estrutura de Governo tornou-se mais densa, ainda mantendo as tradições regionalistas, mas muito mais presente em todo o território, as questões ligadas à administração, registros públicos, e ao executivo. Todas as funções que empregam um bom número de *colarinhos-brancos,*

que formam uma massa com diferentes níveis de especialização e funções, uma secretaria se encontra em uma posição econômica e de prestígio bem diferente de um gerente, apesar de servir a mesma empresa como assalariado e dependentes dela *"a nova classe média, como os operários no capitalismo contemporâneo, desde o início esteve dependente da grande propriedade para a segurança do seu emprego"* (MILLS, 1976, p92) É a classe média mais próxima do proletariado da história dos Estados Unidos por essa ausência de propriedade, mas ao mesmo tempo dentro das profissões que desenvolvem a situação de classe, do ponto de vista econômico, se abre em diversos universos diferentes:

> "a nova classe média, em termos de renda e prestígio, constitui uma pirâmide maior ainda, cuja base está quase no mesmo nível dos que recebem as rendas mais baixas, e o vértice quase alcança os que estão no ponto mais alto da escala de prestígio" (MILLS, 1976, p93).

Até a dinâmica dos antigos profissionais liberais, professores, médicos e advogados foi transformada pela burocracia e gestão administrativas. Os médicos e advogados passam a compor escritórios e firmas com diversas especializações, tendo um número de secretários, contadores e outras profissões atreladas às deles. Eles perderam a independência que era a característica do profissional liberal clássico, um homem sem posses, mas que precisava apenas dos próprios conhecimentos para se manter. Era um homem que trabalhava sozinho, cobrava seus próprios honorários com base em sua experiência e lidava diretamente com seus clientes. Mesmo a medicina absorve traços da impessoalidade com os grandes hospitais dirigidos por conselhos e com curtos absurdos para os clientes.

A grande questão nesse capítulo era observar a origem da classe média americana, sua cultura, suas principais ocupações e sua postura política e como isso evolui ao longo dos séculos. Para a classe média houve uma grande decadência, inicialmente era o centro e a joia da sociedade Norte-Americana, mas foi perdendo sua relevância econômica, seu espaço político, e seu prestígio social para o homem da indústria, tornando-se dependente e assalariado, apenas se diferenciando do proletariado pelo nível técnico. Os poucos que se mantiveram proprietários passaram de forma generalizada por dificuldades financeiras, possuem um estilo de vida rígido e se encontram à mercê das grandes empresas, às vezes como prestadora de serviço para eles, às vezes como um concorrente em desvantagem.

Capítulo 4: A Identidade, no caso Brasil.

A educação para classe média possui um valor especial: é a sua moeda de troca. Classe Social é um termo visto com frequência na mídia e nas redes sociais sem algum tipo de conceituação teórica, algo que faz aparecer como um conceito que possui acordo comum e exige pouca explicação. (SOUZA, 2018) segundo o professor Jessé Souza, alógica das classes sociais (econômicas) é limitante e esconde evidências psicossociais significativas, como prestígio moral e *pertencimento*, limitando assim a compreensão das massas, até de certos intelectuais, de um panorama se estende muito além do poder aquisitivo.

> "Não é apenas o sentimento que o indivíduo tem de si próprio que decorre da moralidade social dominante. Desta também depende o valor relativo que atribuímos aos outros, por exemplo como pessoas a serem evitadas na rua ou que merecem apenas um contato superficial em contraposição àquelas com as quais formamos amizades duradouras ou até casamentos" (SOUZA, 2018, p40).

Apenas essa afirmação é suficiente para reforçar porque uma atribuição exclusivamente econômica é limitada. Porém, é necessário entender por que difusão dessa lógica do pertencimento apenas econômico é reforçado pela academia e usado pela mídia através da ideia do "prestígio científico", majoritariamente liberal, para dar a falsa ideia de que percebemos quem somos e somos devidamente informados sobre os acontecimentos ao nosso redor.

A Elite brasileira possui a intenção de controlar a sociedade para se continuar controlando o país da mesma forma como sempre fez, e para isso utilizam-se de subterfúgios simbólicos, econômicos e morais para manter a classe trabalhadora responsiva a seus desejos. A distinção simbólica da classe média brasileira do restante das classes trabalhadoras, e em especial da *ralé*[1], os elementos que garantem isso, são fortes mecanismos usados pela Elite, seduzindo com distinções superficiais.

(SOUZA, 2017) O mito do ser humano individual acaba sendo uma máscara sobre a origem do comportamento social humano. No ocidente neoliberal a ideia de individualidade foi tão difundida e dispersa que o homem muitas vezes não percebe que segue o mesmo padrão de outros (BERGER, LUCKMANN, 1966) não percebe o uso das tipificações no seu mundo social, e muito menos como essas tipificações constroem todas as instituições que norteiam a sua vida. No caso do Brasil, muitos não percebem

[1]Termo empregado pelo professor Jesse de Souza para definir os trabalhadores que são invisíveis ao Estado, que vivem ar margens da sociedade, sem acesso a educação e outros benefícios básicos. Para saber mais leia A Ralé Brasileira: quem é e como vive – SOUZA, Jessé.

que herdamos diversos comportamentos do protestantismo anglo-saxão: pela perspectiva do professor Jessé de Souza a dispersão foi tão forte que não se aplica mais apenas aos ritos religiosos, mas a todos os âmbitos sociais. A virtude, autocontrole, controle dos instintos é o primeiro grande aspecto, e o segundo é a inversão do sentido do trabalho, anteriormente visto como degradante e ruim na sociedade europeia, coisa abaixo dos aristocratas e dos clérigos, o trabalho passa a ser visto como sagrado, fonte de honra e prestígio. E ligada a esses dois aspectos se encontra a Disciplina, a dedicação e autocontrole com um hiper foco numa atividade. O prestígio social comum em todos os países ocidentais está ligado ao sucesso profissional, com um claro preconceito voltado aqueles que foram "menos capazes" de se desenvolver nas suas áreas ou são responsáveis por trabalhos "comuns".

A moral protestante foi propagada de forma tão ampla que acabou se desprendendo da doutrina da religião e se infiltrando na conduta diária de todo ocidente. Há uma transição gradual do discurso religioso para um discurso a ser utilizado no dia a dia de forma prática, que se apropria das formas de convencimento moral religiosos e a modifica. *"Para Weber, o protestantismo começa como uma ideia moral religiosa para depois se tornar, sob a forma do "utilitarismo", uma ideia moral e secular"* (SOUZA apud WEBER P.35). O professor Jessé de Souza interpreta que essa é a origem de um novo comportamento social, não mais passivo o homem disciplinado não precisa interpretar a vontade divina: ele deve agir com dignidade e sensibilidade, sendo ele responsável pela própria honra e glória, não mais um atributo divino, dado por Deus a classe aristocrática, mas conquistável a próprio mérito.

> "O pensador alemão Max Weber argumentou que a noção de indivíduo no protestantismo ascético simboliza a ideia de um "instrumento divino", visando a glória de Deus na terra. Por outro lado, a versão emotiva ligada à ideia de indivíduo que traria a divindade dentro de si, como algo "interior" ao sujeito" (SOUZA, 2018, p.46)

É ainda falando sobre a moral religiosa que o professor Jessé de Souza (2018) faz uma ligação entre o brasileiro e a ligação essencialmente religiosa com o controle e disciplina protestante: somos dominados pelas emoções, católicos animalizados e inferiores àqueles - europeus e americanos, protestantes anglicanos. A união dos fortes traços de moralismo protestante e do sentimento de inferioridade, o famoso complexo de vira-lata e fato da classe média ser a maior beneficiada do prestígio técnico do trabalho e da vida através do moralismo, acaba sendo também a classe mais refém da dimensão cultural e simbólica da vida social.

O uso da palavra refém não é coincidência, (SOUZA, 2018) uma vez que a Elite não pode ser clara sobre suas intenções de tornar os trabalhadores o mais maleáveis e manipuláveis possíveis, eles desenvolveram uma série de ideias, simbolismos morais, que fingem estar alinhados com a realidade e necessidade das classes trabalhadoras. A dicotomia entre bem e mal e falta de percepção de onde vem nossos valores morais, como a incompreensão do impacto protestante na ideia de trabalho. Em todas as sociedades ocidentais o trabalho tornou-se uma forma evidente de sucesso pessoal, impactando na percepção que temos de nós mesmos e que os outros têm de nós, e uma vez que nem todo trabalho possui o mesmo nível de dificuldade técnico alguns são menos valorizados que outros. Uma vez que o que é considerado útil no capitalismo está alinhado ao grande nível de dificuldade técnica, a escassez de conhecimento e capacidade de impactar positivamente na produção por parte daqueles que não conseguem acompanhar, acessar ou mesmo possuem interesses que não são alinhados há esse prestígio moral, são afastados da possibilidade de obtenção de prestígio.

O professor Jessé Souza deixa claro que a identificação cultural dentro da própria classe é tão grande que os casamentos são quase sempre realizados entre pessoas que se consideram compatíveis em gosto, habilidade e sensibilidade, dignos ou indignos de afeto. E a visão de indignidade não é exclusiva ao afeto romântico, mas se estende às outras relações, como amizade e relação de trabalho. Entre as classes em geral a elite evita ao máximo qualquer contato não profissional que está "abaixo" deles.

> “A concepção do ser humano sensível, que nos afeta a todos, mostra a ambiguidade inexorável da vida social e humana. Por um lado, ela implica efetivamente no aprendizado moral. É importante se autoconhecer, saber quais são as emoções, os desejos e sentimentos que nos singularizam como produtos de uma biografia, que apesar de obedecer a traços sociais gerais, é sempre muito particular de cada indivíduo."(SOUZA, 2018, p65).

É nessa sensibilidade inerente e única que existe uma armadilha. No ocidente a produção cultural voltada ao consumismo é extremamente forte, esse consumo é usado para passar uma *imagem* de valor e sensibilidade inata. As classes baixas, impossibilitadas financeiramente de ter acesso aos símbolos de distinção e prestígio sabem, sem que nada diga a elas, que seu local não é o mesmo.

A classe média herda do nosso passado escravagista o conforto com o emprego da violência contra aqueles esquecidos e marginalizados: os que não são capazes de exercer uma profissão “útil” sendo assim sobre explorados em empregos que ninguém quer. Um exemplo do seu passado (e presente) escravagista, do impacto do prestígio advinda do trabalho útil acaba apenas reproduzindo os privilégios valorizando

exclusivamente alguns tipos de capitais culturais: o trabalho mais valorizado é mais bem remunerado porque colocamos toda nosso prestígio social, nossa autoestima, no exercício útil de uma profissão.

Considerando que o homem (BERGER, LUCKMANN, 1966) dá *sentido* ao mundo em que vive a partir de uma série de tipificações inconscientes que aprendeu ao emergir em uma realidade independente dele, que o beneficia, ou deprecia, do conjunto atribuído a ele inerentemente. A profundidade da dependência da classe média do prestígio cultural, mesmo que inconsciente da sua condição, reflete as fundações das instituições brasileiras, e uma das mais solidas fundações é a escravidão "*Como sistema econômico e social, o escravismo jamais existiu em Portugal. A escravidão, portanto, é brasileiríssima. É nossa verdadeira herança." (*SOUZA, 2018, p74). A moral e a cultura, que permeia pela classe média, é, portanto, uma herança desse período tão viva, mesmo que não tão óbvia, quanto as favelas, o samba e a polícia militar.

> "Universo simbólico" atribui categorias a vários fenômenos em uma hierarquia do servir definindo o âmbito social dentro da cirurgia. Não é preciso dizer que estas categorias também são atribuídas a diferentes tipos de homens e frequentemente acontece que amplas categorias desses tipos (às vezes todos, fora da coletividade em questão) são definidos como não sendo humanos ou sendo menos humanos" (BERGER, LUCKMANN, 2017 p139)

Isso é particularmente verdade em uma sociedade que se desenvolve em cima da escravidão, fazendo força em momentos históricos para manter a distinção social e o prestígio retido apenas na mão de alguns. A desumanização do *outro* na escravidão é tão forte, no simbolismo e na realidade que se torna a grande distinção da classe média brasileira, ela se apega a essa diferença e ostenta em todas as oportunidades, no seu discurso diário, nas suas escolhas políticas, nas suas relações pessoais. Aquela classe intermediária citada no capítulo passado, formada de homens livres, subservientes à elite agrária, mas dotada de humanidade se beneficia do simbolismo da sua existência, mesmo que presos aos senhores de terra eram, e são, privilegiados com o reconhecimento da sua existência:

> "O pressuposto do acordo de cavalheiros entre o senhor e o dependente é que o escravo trabalha para ambos. Para nosso tema, o fundamental nesse "acordo de classes" é que o reconhecimento da humanidade da dignidade passa a ficar restritos aqueles que não são escravos" (SOUZA, 2018, p80).

Essa distinção entre os homens livres e os escravos impactam o capital intelectual uma vez que: tudo que ela tem a oferecer é adquirido através do estudo especializado, os pais estimulam isso nos filhos desde o início, incentivando, cobrando,

eles desenvolvem capacidades de concentração, raciocínio lógico e outras ferramentas que os tornem competitivos dentro do mercado de trabalho no Capitalismo. Por depender desse capital, a classe média fará de tudo para manter a exclusividade sobre a educação, uma das consequências mais sentidas pelo povo negro e membros da ralé moderna. Quando, na regência da Princesa Isabel, foi assinada a Lei Áurea decretando a abolição dos Escravos, tanto a elite quanto a pequenina classe média trataram de manter os antigos escravos longe desse capital intelectual e da intensa transformação econômica do Estado brasileiro.

> Abolição representa uma transição fundamental. Abre-se com a emancipação dos escravos - ainda que muitos tardiamente, o que comprova o arcaico da elite dominante - o caminho para o desenvolvimento capitalista enquanto tal. O trabalho livre permite a formação de um mercado interno capitalista que antes só existia de modo incipiente nas cidades litorâneas O surto da cultura do café no Estado de São Paulo, com base no trabalho livro do imigrante, é que vai ser a gênese dessa nova sociedade. (SOUZA, 2018, p91).

(SOUZA, 2018) As informações disseminadas pela mídia seguem o arsenal dos intelectuais e especialistas treinados, em geral membros da classe média, cujo poder das falas está ligado ao prestígio perante a sociedade. Quem domina o capital intelectual tem poder para influenciar as pessoas de forma direta ou indireta, as ideias dominantes em geral são produtos das elites. Por conseguinte, em face a uma transformação social a Elite brasileira e a classe média defendem sua distinção e a perpetuação de suas classes ao formular políticas públicas específicas influenciadas pelo racismo científico: O Estado foi responsável por uma série de políticas públicas que que favoreciam a perpetuação da classe média como branca, oferecendo as oportunidades sempre dentro das horarias e prestígios sociais. As políticas de imigração criadas pela classe dominante conseguiram atingir seus objetivos os de manter os recém libertos longe de qualquer possibilidade de elevação de *status social* enquanto há a consolidação do capitalismo tardio no país:

> Em São Paulo, cidade no estado onde tudo começa efetivamente, o mercado competitivo de trabalho será reservado ao imigrante Branco, sobretudo o italiano. Os quase dois milhões de italianos que imigraram ao Brasil acabam se concentrando no stado de São Paulo e em sua capital. (SOUZA, 2018, p93).

Esse pressuposto, mesmo que maquiado, persiste na postura da Classe Média em relação às classes populares, reproduzido na sua ausência de indignação, por exemplo, com a violência inegável empregada pelas policiais militares nas regiões mais pobres das cidades. Sempre buscando restringir seu contato aos vínculos empregatícios, com uma clara distinção entre os *deles* e os *outros,* a ralé. Quando o Brasil transicional de

colônia para império e assim por diante, não há, em momento algum, uma ruptura com o pensamento racista, por isso, é necessário perceber que o cerne da criação das classes sociais no Brasil é a escravidão e a sua forma moderna, na imagem da ralé. Em face ao capitalismo comercial e financeiro a classe média brasileira se expande no final do século XIX, espacialmente no sudeste brasileiro. Composta por imigrantes e favorecida pelos brancos europeus uma pequena elite industrial começa a surgir, mas não se desenvolve muito, não chega a formar uma forte camada de empresários, e sofre com as dificuldades criadas por essa elite agraria. De certa forma a elite industrial era distante do Brasil e da elite nacional:

> "O inegável é que a partir de então, o industrialismo brasileiro vai se manifestar mais pela mão do Estado e, depois, das multinacionais, ou seja, mais de empresas entrarias com interesses próprios do que como um projeto articulado de uma classe nativa de industriais" (SOUZA, 2018, p99).

(SOUZA, 2018) A classe industrial brasileira é incapaz de superar seus preconceitos culturais em favor da geração de renda nas classes populares e foi a própria responsável pelo sufocamento do seu destino, ela se porta de forma hesitante e *"subordinada à lógica de reprodução de outras frações do capital*" (SOUZA, 2018, p100). O Estado usou o discurso liberal em políticas contrarias a taxação de materiais importados, que por si só valorizaria as industriais locais e incentivaria a competição e consumo dentro do mercado interno. Mas essas políticas agradavam a classe média Alta, que é fascinada pelo consumo de artigos de luxo importados, buscando parecer em *estilo e gosto* com a real Elite do mundo.

Capitulo 4.1: Quem é a Classe Média no Brasil de Hoje?

Concordando com essa distinção social entre as classes mais abastadas e as classes mais baixas o aumento do rendimento médio dos últimos anos tirou diversos brasileiros da linha da pobreza e da miséria, mas não necessariamente os inseriu nas classes médias. Por mais que gráficos e cálculos digam isso, não é assim que a maior parte dos cidadãos se veem. Vinte anos de melhora no poder de compra, salário-mínimo e acesso à educação e saúde realmente mudou a cara do Brasil. Se não mudou, trouxe oportunidade e um pouco mais de segurança a muitos cidadãos. Mesmo no auge da propaganda do Brasil como "o país da classe média" havia incisivas críticas quanto há uma transformação real no status das classes mais baixas. A classe média ainda é tida como uma classe privilegiada onde se há estabilidade financeira, emocional, um

consumo cultural alto e sensível. A identidade de classe concomita e complementa diversos pensamentos que já analisados neste trabalho:

> "Como as identidades de classe não são vistas somente como consequência das condições econômicas, mas também como reivindicações de pertencimento, (...) Nesse sentido, a identidade de classe de um indivíduo não seria um reconhecimento– correto ou distorcido– de sua "verdadeira" posição; tratar-se-ia, na verdade, de uma maneira de se diferenciar ou aproximar de outros, um modo de afirmar a que classe de indivíduos gostaria de estar próximo, e das quais pretende se distinguir." (SALATA, André. 2015. P. 114)

Desta forma, ao se compreender como membro de alguma classe o indivíduo reivindica para si todo o prestígio e direito da posição, ao mesmo tempo que também assume as mazelas, as limitações e os preconceitos. Bourdieu e Jessé de Souza concordam no entendimento dos aspectos subjetivos do pertencimento de classe, o consumo e o que orienta esse consumo, principalmente na área cultural, que marca a distinção de quem é ou deixa de ser algo. Para compreender quem se identifica como membro da classe média no Brasil de 2015, o professor André Ricardo Salata analisa a forma como o indivíduo se compreende dentro do Brasil, observando seus gostos e sua histórias pessoais identificando um padrão para o individuo proclamar o pertencimento a classe média.

Uma vez que em todo ocidente o trabalho virou um dos maiores símbolos de sucesso os frutos do trabalho são também são um símbolo de reconhecimento (SALATA, 2015). Possuir uma vida estável é a característica mais marcante da classe média e é dada grande importância a características como "casa própria" "acesso a educação particular e "acesso a lazer e diversão". Embora essas características realmente se alinhem com o que se espera que a classe média tenha acesso, em termos financeiros as classes[2] apenas as classes mais altas possuem acesso a esse tipo de conforto e a famosa classe ascendente "C", aquela que veio sendo chamada de A Nova Classe Média, possui sentimentos conflituosos quanto ao seu pertencimento:

> "apesar de podermos encontrar uma proporção substantiva de indivíduos se identificando como "classe média", no perfil "C", por exemplo, também podemos encontrar uma grande proporção de pessoas se reconhecendo como "classe baixa/pobre", "classe trabalhadora" e, especialmente, "classe média baixa" nesse perfil" (SALATA, 2015, p122)

[2] Nosso intervalo de renda "E" é formado pelas pessoas com rendimento domiciliar total mensal de até R$ 726,00; o nível "D" agrega os que têm renda entre R$ 726,01 e R$ 1.195,00, o que é próximo da mediana da distribuição em 2008 (que se situava em R$ 1.245,00); o nível "C", por sua vez, agrega as pessoas com renda entre R$ 1.195,01 e R$ 3.474,00 (valor que delimita aproximadamente os 15% mais ricos no Brasil em termos de renda domiciliar); por fim, acima deste último valor, fica o nível "AB (SALATA, 2015, p130);

Uma das características analisadas foi o nível educacional: aquele indivíduo que possui o ensino superior aumenta as chances de os indivíduos adotarem uma identidade de qualquer outra classe que não seja a "classe baixa" (SALATA, 2015, p.124). A educação superior é uma das formas mais tradicionais de aprimoramento e desenvolvimento pessoal utilizado pela classe média para tornarem-se trabalhadores aptos a ocuparem cargos bem remunerados, executando trabalhos *úteis*. A educação acadêmica é intrinsecamente ligada à classe média ocidental.

Os estudos sobre distribuição de classe realizados pelo governo brasileiro ao longo das décadas podem ter o viés liberal, o foco nas questões econômicas, mas ao longo dos anos ficou óbvia a necessidade de acrescentar novos marcadores e modificar as medidas. Os estudos servem para demonstrar como houve pouca transformação das classes sociais brasileiras, trata-se de uma sociedade extremamente sedimentada e imóvel.

Em 2017 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicou um *"documentos para disseminação: memória institucional 2: Indicadores sociais: passado, presente e futuro*" onde conta a história do instituto, analisando suas escolhas, seus métodos de análises fazendo as devidas considerações teóricas.(SIMÕES, ALCKMIN, SANTOS, 2017, p 18) A área de indicadores sociais do IBGE surge em um momento em que há uma demanda internacional por dados qualitativos sobre o desenvolvimento dos países, um movimento iniciado nos Estados Unidos que espalhou pelo mundo, recebendo o apoio da ONU. O Grupo Projeto de Indicadores Sociais é a resposta nacional do IBGE para esse movimento internacional tendo o papel de revisar e alinhar a estrutura nacional com as propostas internacionais, além de ter sido influenciado por uma série de trabalhos e pesquisas realizados por organizações ou pela própria academia. A área possuía o objetivo de auxiliar no desenvolvimento nacional.

> "A busca pela articulação da produção e análise de indicadores sociais com outras dimensões da realidade social — especialmente a econômica e a demográfica — refletiu no conteúdo e na organização dos projetos considerados estratégicos à gestão Kerstenetzky" (SIMÕES, ALCKMIN, SANTOS, 2017, p 20).

Houve nos anos 70 um movimento grande, junto à ONU, de busca pela ampliação e desenvolvimento dos métodos de análise da situação populacional, em especial, dos grupos vulneráveis. Porém esse caminho foi abandonado com a ascensão do neoliberalismo, que redirecionou as pesquisas para seguir *"a orientações de natureza normativa, fundamentadas por uma concepção de desenvolvimento centrada*

na expansão das relações mercantis." (SIMÕES, ALCKMIN, SANTOS, 2017, p 21) que refletiam as novas demandas do sistema internacional.

A história do IBGE ajuda a perceber um descaso pela academia brasileira em conhecer profundamente os arranjos socioeconômicos do povo brasileiro. No ano de 2018 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicou um estudo chamado "*Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileiras"* onde, como o nome sugere, estão organizados estudos quantitativos e qualitativos sobre a qualidade de vida, educação e distribuição de renda no país. O Estudo leva em consideração:

> "A maior amplitude e profundidade de tais capítulos permitiu a exploração de uma gama maior de indicadores com resultados para diferentes desagregações territoriais – chegando, em alguns casos, ao nível dos Municípios das Capitais – além de fornecer informações desagregadas por grupos populacionais específicos" (IBGE, 2019, p8).

Isso reflete a grande dificuldade que é a separação de classes em categorias simplistas como renda em um país de proporções continentais como é o Brasil e a grande dificuldade de criar políticas públicas, uma vez que cada local possui demandas específicas. Utilizarei de alguns dados lançados por essa pesquisa para começar a entender quem constitui a classe média atual, quais suas principais ocupações, sua raça, suas principais crenças e hábitos, sempre tendo em vista as origens dessa classe e os pontos vitais do seu desenvolvimento. O primeiro fato interessante é o crescimento da importância do setor de serviço nos entre os anos de 2012 e 2018, sendo o setor que mais adicionou ao PIB. O segundo fato é o aumento de pessoas em empregos informais, hoje representam 41% das pessoas ocupadas.

No ano de 2018 a renda per capita brasileira é inferior ao salário-mínimo definido através das metas do Governo Federal. Além disso o relatório aponta que a renda *Per Capita* no sul e sudeste brasileiro é maior que nas demais regiões, demonstrando a concentração de renda dessas regiões, o que não é novidade alguma. Ainda sobre o rendimento *per capta "pessoas de cor ou raça preta ou parda tiveram rendimento médio domiciliar per capita de R$ 934, diante do rendimento médio de R$ 1 846 das pessoas de cor ou raça branca"* (IBGE, 2019, p56) indicando a perpetuação do racismo como problema social e que até hoje impede a mobilidade dessa população.

Uma das maiores características da classe média é seu capital intelectual: ser capaz de desenvolver trabalhos especializados, e segundo o professor Jessé de Souza a classe média estimula seus filhos a buscarem a educação superior ou técnica para uma melhor colocação no mercado de trabalho. Alguns dados do capítulo sobre educação

mostram quais grupos possuem mais acesso ao ensino de qualidade e estão sendo capacitados para o mercado de trabalho especializado, que é valorizado hoje. (IBGE, 2019) A educação no Brasil é dividida entre educação básica (primário, fundamental I e II, ensino médio) e o ensino superior (bacharelado, licenciatura, cursos técnicos, e diferentes formas de pós-graduação). Em termos de educação básica, o Brasil se encontra consideravelmente avançado na última década: pouquíssimo tempo de acesso para as populações desfavorecidas.

> Em 2018, o atraso escolar por etapa de ensino dos jovens de 15 a 17 anos de idade era 4 vezes maior entre os pertencentes aos 20% da população com os menores rendimentos (33,6%) em comparação com os que faziam parte dos 20% com os maiores rendimentos (8,6%). (IBGE, 2019, p81).

No ensino superior é ainda mais evidente a concentração do ensino nas classes de renda mais alta do país:

> Enquanto 63,2% dos jovens desse grupo de idade pertencentes ao quinto da população com os maiores rendimentos frequentava o ensino superior, somente 7,4% dos jovens no quinto da população com os menores rendimentos estavam nessa situação, ou seja, um percentual 8,5 vezes menor. Jovens pretos ou pardos têm metade do percentual calculado para brancos em relação à frequência ao ensino superior Educação 83 (18,3% e 36,1% respectivamente). (IBGE, 2019, p81).

Todos esses dados estão alinhados com as perspectivas criadas desde o início da colonização do Brasil, as classes mais baixas continuam contendo os mesmos elementos: homens e mulheres negros ocupam a base, poucos conseguem entrar no ensino superior e consequentemente não são tão atraentes para o mercado de trabalho, isso sem entrar em outras nuances. O Brasil não realizou muitas políticas públicas eficientes de diminuição da desigualdade de raças no país, ainda carrega fortes heranças da escravidão.

O Brasil é uma sociedade estamental de forma extremamente rígida, a única mobilidade possível é através da ascensão econômica, limitada por si só pelas oportunidades de estudo e emprego. O desenvolvimento cultural em torno da distinção, do processo de castas que desumanizou os escravizados e desqualificou o trabalho manual imputa essa forte segregação em todos os âmbitos da economia e do acesso ao prestígio e conforto.

A elite agraria não permitiu a fomentação de uma classe média ampla que viria junto com o desenvolvimento industrial. O Brasil ocupa a base da pirâmide no sistema internacional, só possuindo alguma influência graças ao seu grande volume de exportação agrícola, ocupando as primeiras posições como exportador de vários

produtos. O poder de compra da nossa classe média é infinitamente inferior ao poder de compra da classe média americana, por exemplo. O Brasil é, em muitos aspectos, um país de pobres.

Conclusão

Essa pesquisa buscou criar um comparativo entre a formação histórica da classe média brasileira e da norte-americana, para isso discutimos os conceitos de classe, casta e estratificação social, além da análise de Berger e Luckmann sobre aprendizado dos costumes e significados de forma inerente ao ser. Com Bourdieu aprendemos um pouco mais sobre a reafirmação da diferença através do consumo de artes e modas. Nós vimos que classe é a posição que aquela pessoa ocupa dentro da ordem econômica, é a sua situação de mercado, os bens e produtos aos que ela tem acesso. Em uma sociedade dividida em castas, o seu acesso a ordem econômica refere-se ao seu status inerentemente atribuído no nascimento, cor, religião, local de origem, tudo isso vai interferir na honra e no prestígio que o indivíduo pode obter.

Quanto as classes abordadas, existe um forte contraste entre a ordem delas. A Americana nasce proprietária de terras, com um discurso que inicialmente a favorecia, com a cultura centrada ao seu redor, a escravidão não era tão forte, e o trabalho era valorizado por si só, a classe média americana clássica possuía uma *autoestima* mesmo que também buscasse incessantemente pertencerem a elite. Já a classe média brasileira nasce como prestadora de serviços em um estado extremamente centralizado, destituída completamente de influência política, sendo até distanciada do voto, e se comporta de forma agregada a elite.

A classe média moderna formada pelos colarinhos brancos do White Mills é mais semelhante, uma parte da classe média Brasileira também – como a americana- ocupa essas funções na indústria, no mercado financeiro e na burocracia estatal, e no setor de serviços e varejo. Os dois países sofrem uma forte influência do protestantismo, mas a força da escravidão e da regionalização da interpretação religiosa e moral leva o brasileiro a uma grande aversão ao trabalho manual e ao outro. A escravidão proporcionou uma ordem econômica restrita aos proprietários de terra, ao passo que a economia americana inteira se palpava na pequena propriedade, numa sociedade consideravelmente igualitária em oportunidades e prestígio.

Os indivíduos da classe média têm sua maior força no seu conhecimento individual e em como esse conhecimento é valorizado dentro do mercado de trabalho – cada dia mais volátil – e as antigas profissões liberais foram transformadas para se adequar e responder as demandas do capitalismo.

Se tratando do envolvimento político das classes médias, as diferenças de interesse ficam bem evidentes. No caso do Brasil observa-se como as fortes relações patriarcais minaram os interesses e as possibilidades da classe média na política, onde incialmente os políticos são apenas uma extensão dos Senhores de Terra, e a mudança desse padrão ocorre muito lentamente, ignorando até mesmo a traição do Império para a democracia. Nos EUA as posições políticas coincidiam com os interesses dos pequenos proprietários de terra, o serviço civil era considerado uma posição de prestígio e o dever cívico era parte da cultura norte-americana, mas há uma gradual perda de importância que concomita com a perda de influência econômica, perdendo espaço para aqueles que eram respaldados pelas grandes empresas.

Compreender as origens ajuda a decifrar vários comportamentos e ideologias atuais, olhar para a classe média em especial tem um valor importante, porque ela não é uma classe muito clara, seus interesses e posturas não são tão óbvios assim. Ela ocupa um lugar inseguro na pirâmide, dependendo do mercado para não pender para baixo, mesmo assim suas afinidades se encontram junto ao topo. Muitos de seus comportamentos e posições são contraditórios.

Bibliografia:

SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso: da escravidão à Lava Jato.** Casa da Palavra. Rio de Janeiro – RJ. 2017.

SOUZA, Jessé. **A Classe Média no Espelho.** GMT editores Ltda. Rio de Janeiro - RJ. 2018.

SALATA, André. **Quem é a Classe Média no Brasil? Um Estudo sobre Identidades de Classe**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 58, no 1, 2015, p. 111 a 149.

MILLS, Wright. **A Nova Classe Média.** Zahar Editores, Rio de Janeiro, 2ª Edição, 1976.

WEBER, Max. **Classe, Status, Partido.** p. 57 a 84. In BERTELLI, VELHO & PALMEIRA **Textos básicos de Ciências Sociais. Estrutura de Classe e Estratificação Social**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1966.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Ed. 24. Editora Vozes, Petrópolis, 2004.

FRANCO, Maria. **Homens livres na Ordem Escravocrata.** Ed 4. Editoria Unesp, São Paulo, 1997.

MACHADO, Julice; MACIEL, Guilherme. **Estado e Sociedade no Brasil.** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Outro Preto – MG, 2014.

SOARES, Rodrigo. **Estratificação profissional, desigualdade econômica e classes sociais na crise do império. Notas preliminares sobre as classes imperiais.** Revista Topoi, Rio de Janeiro – RJ, v. 20, n. 41, p. 446-489, maio/ago. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Gostos de Classe e Estilo de vida.** In: ORTIZ, Renato. Editora Ática, São Paulo, 1983.

ALKMIN, Antônio; SIMÕES, André; SANTOS, Caroline. **Passado, presente e futuro da produção e análise dos indicadores sociais no IBGE.** p. 17-27, In **Indicadores sociais: passado, presente e futuro**. Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2019 / IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2019.